

O ENSINO REMOTO E A EXCLUSÃO DIGITAL DE ALUNOS E PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO

Samoel Cordeiro de Souza Primo¹
Daniele Terezinha de Lima Baitel²

Resumo: este artigo visa promover reflexões sobre o ensino remoto e a exclusão digital de alunos e professores das Escolas do Campo no contexto da pandemia causada pela COVID-19. O ensino remoto se apresenta como uma alternativa para a continuidade da aprendizagem dos alunos de Escolas do Campo enquanto pendurar o distanciamento social para a contenção de propagação do vírus. A Educação do Campo demarca um processo histórico caracterizado pelas desigualdades sociais e com o agravamento da pandemia as aulas presenciais foram substituídas pelo modelo de ensino remoto por intermédio da educação a distância (EaD), assim a desigualdade mostra-se explícita nesta modalidade de ensino, pois nem todos os alunos e professores de Escolas do Campo tem acesso ao aparato tecnológico para aquisição de conhecimento. Como metodologia este artigo se pautou, além da análise de conjuntura, na pesquisa bibliográfica, caracterizada por materiais escritos e/ou publicados que discutem o objeto em estudo. Assim chegou-se a conclusão de que o ensino remoto e a educação digital promoveram uma exclusão de muitos alunos e professores da Educação do Campo.

Palavras-Chave: Ensino Remoto. Escolas do Campo. Exclusão Digital.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de promover reflexões sobre o ensino remoto e a exclusão digital de alunos e professores das Escolas do Campo no contexto da pandemia. Neste sentido, o texto ainda promove uma discussão sobre as precariedades no acesso às tecnologias digitais e o acesso à internet nas comunidades e Escolas do Campo. Destaca-se ainda a necessidade de perceber a Educação do Campo como principal ferramenta de acesso ao conhecimento aos diferentes povos que compõem o campo brasileiro.

Os municípios do estado do Paraná tiveram que se adaptar com as mudanças ocasionadas pela pandemia do COVID-19, contudo não foi uma tarefa fácil, mas sim uma tarefa árdua que exige comprometimento e responsabilidade dos diferentes segmentos das instituições escolares. Neste contexto de pandemia os problemas relacionados à educação se intensificaram

¹Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava – PR, Brasil. E-mail: samoelcordeirosouza@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Centro- Oeste (UNICENTRO), Guarapuava – PR, Brasil. E-mail: danielebaitel@hotmail.com



e as adversidades relacionadas às tecnologias digitais foram os que mais apresentaram impasses.

A relevância deste artigo se justifica pela necessidade de estudos mais aprofundados sobre o ensino remoto e exclusão digital no contexto de pandemia, pois a Educação do Campo apresenta suas especificidades e adversidades. Neste sentido a educação no período de pandemia passou por profundas transformações e as tecnologias digitais e o ensino remoto se mostraram como principais meios de acesso ao ensino.

Como metodologia optou-se por uma análise de conjuntura na perspectiva de Herbert de Souza (1984). Isso significa afirmar que é necessário conhecer os fatos e acontecimentos para fazer uma leitura e análise da realidade de forma mais aprofundada considerando as categorias próprias com que se trabalha. Neste trabalho elencamos as categorias: acontecimentos, cenários, atores e a relação entre estrutura e conjuntura que em nosso problema se materializou na exclusão digital dos atores sociais (alunos e professores) definindo uma conjuntura causada pela Covid-19 e relacionada a estrutura educacional, que deixou de dar suporte tecnológico e de formação aos professores das escolas localizadas no campo.

Realizou-se também a pesquisa bibliográfica utilizando livros e artigos que abordam a temática em questão. De acordo com Gil (2008, p. 50) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para Gil (2008) a pesquisa de cunho bibliográfico permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos mais extensa do que aquela que poderia pesquisar diretamente, principalmente quando a pesquisa requer dados dispersos pelo espaço que em nosso caso se caracterizou em levantamentos de estudos já realizados sob a temática em tela.

O texto encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira parte discutimos sobre o ensino remoto nas Escolas do campo. A segunda parte promovemos uma reflexão sobre a exclusão digital de alunos e professores das escolas desta modalidade de ensino, e por fim são apresentadas as considerações finais e referências. O referencial metodológico da pesquisa encontra-se fundamentado basicamente nas concepções de autores como: Caldart (2009/2012), Moran (2007) e o II Boletim da Articulação Paranaense para a Educação do Campo (2018).

O ensino Remoto em Escolas do Campo

Quando se fala em educação em período de pandemia logo nos remetemos às tecnologias digitais para ensinar, pois, nesse momento, não é possível que os professores estejam com seus

alunos em tempo real nas salas de aula devido ao perigo de contaminação, com isso para que não houvesse um atraso nos conteúdos e formação escolar dos alunos recorreu-se ao ensino remoto. Nos municípios do interior do Paraná, principalmente a alunos da rede municipal de educação o ensino remoto se apresentou como a alternativa mais eficaz e capaz de alcançar um alto índice de estudantes, Contudo, o ensino remoto também gerou problemas a educação escolar.

Inicialmente destacamos a necessidade de conceituar a categoria Educação do Campo, para então, adentrar no ensino remoto desta modalidade. Corroboramos com Caldart (2012, p. 259) ao afirmar que “a Educação do Campo nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”.

A Educação do Campo nasceu da disputa de território entre camponeses e agronegócio, é uma nomenclatura recente, foi cunhada em meados da década de 1990, originária da luta pela terra empreendida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Atrelada ao desenvolvimento do campo esta modalidade de educação precisa tensionar a construção de conhecimento que de base a um projeto de viés transformador da realidade.

Ainda se faz necessário distinguir a Educação do Campo de Educação Rural. É neste âmbito que adotamos as concepções do II Boletim da Articulação Paranaense (2018, p. 02) para a Educação do Campo, onde as diferencia. Por Educação Rural o documento denota que:

Educação Rural é a concepção que marca a trajetória da educação ofertada **para** os povos do campo. Os materiais didáticos não possuem diferencial em relação aos disponibilizados para as escolas das cidades. A formação dos professores é marcada pela lógica do Brasil urbano. Por essa lógica, o campo é visto como lugar de atraso, negatividades e ausências. Há predomínio da defesa da modernização do campo e do agronegócio como sinônimo de desenvolvimento. A participação efetiva da comunidade está presente nos discursos político-pedagógicos, entretanto, as decisões são tomadas pelas equipes gestoras. Por essa lógica, escolas precárias são fechadas.

Como podemos ler, a Educação Rural não contemplava as necessidades educacionais e culturais dos alunos do campo, pois não havia formação específica de professores para atuar nesta modalidade que englobasse a especificidades do campo e que promovesse e contribuísse na propagação da cultura camponesa contribuindo com a contraposição ideológica que campo é sinal de atraso. Já por Educação do Campo o II Boletim da Articulação Paranaense (2018, p.02) para a Educação do Campo aponta a seguinte concepção:

A Educação do Campo é uma concepção construída na segunda metade da década de 1990, a partir das experiências dos movimentos sociais dos povos do campo (da terra, das águas e das florestas). Seu vínculo é com um projeto de sociedade em que o campo é tido como lugar de vida, trabalho e cultura. Funda-se na lógica da participação efetiva dos povos do campo nas questões escolares e considera educativo todo processo formativo, vinculado ao mundo do trabalho. Os conteúdos escolares são organizados em função de temas e problemas vinculados ao campo, levando em consideração a legislação e as diretrizes educacionais nacionais. Luta-se por formação de professores com perspectiva de transformação social. A identidade da escola é construída a partir da participação das famílias, educandos e educadores. Luta-se para manter as escolas no campo e com identidade marcada pela participação popular (identidade do campo).

Podemos compreender com a leitura acima, que ao mudar a nomenclatura de Educação Rural para Educação do Campo a comunidade e escola ganham destaque na luta por uma educação emancipatória, que leva em conta as especificidades educacionais e culturais dos alunos desta modalidade de ensino respeitando sua identidade e seu processo formativo.

O ensino remoto nas escolas foi adotado como meio de levar os conteúdos aos estudantes, principalmente os alunos dos anos iniciais e anos finais do ensino fundamental. Aos que não possuem acesso à internet, para acompanhamento de aulas gravadas ou pelo *Google Meet*, as atividades ficaram restritas a manuais/livros didáticos e atividades impressas compostas por apostilas. Isso gerou outro problema, pois quando as atividades retornam para a escola o professor não tem a certeza se realmente é o aluno quem realiza as atividades, pois não se consegue ter um acompanhamento efetivo das atividades pedagógicas realizadas pelos estudantes.

O ensino remoto se diferencia do contexto da Educação a Distância (EaD), pois a Educação a distância pressupõe algo mais padronizado, enquanto o ensino remoto propõe que as aulas sejam pensadas e preparadas conforme a necessidade de cada turma, podendo ter os horários de transmissões ao vivo, já no Ead, acontece de forma assíncrona, onde o aluno pode ver quando e onde quiser.

O ensino remoto propõe que o professor e aluno tenham um contato mais próximo na medida do possível, através de transmissões de aula ao vivo. Ao analisar o contexto do campo e das escolas que se inserem a realidade é divergente. Em primeiro momento destacamos que nem todos os alunos do campo possuem acesso à internet e não conseguem ter as aulas ao vivo com a orientação do professor. Quando se têm as aulas ao vivo nem sempre a internet é de boa qualidade, portanto, ao tratar do ensino remoto nas Escolas do Campo trata-se de também falar de uma exclusão digital.

Sabe-se que a educação não estava preparada para as mudanças ocorridas nos últimos meses, contudo, é visível notar a falta de investimentos na área tecnológica do meio educacional. O ensino remoto pode ser dinâmico e apresentar eficácia, desde que se deem condições de acesso à todos os alunos.

Nas últimas décadas às tecnologias têm se tornado fundamental para o ensino, estando ou não em épocas de pandemia às tecnologias contribuem para que as aulas se tornem mais dinâmicas e são importantes fontes de pesquisas aos alunos. É neste sentido que concordamos com Moran (2007, p.12) ao afirmar que.

[...] dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

Como podemos ler, o uso das tecnologias em si não promove aprendizagens significativas, mas quando se têm profissionais preparados, que sabem como lidar com os elementos tecnológicos, elas promovem grandes avanços. Às tecnologias devem estar presentes nas escolas, como já trouxemos, historicamente a Educação do Campo possuía marcas dos resquícios da educação urbana. Atualmente não podemos pensar em Educação do Campo em um projeto de formação humana sem considerar o uso das tecnologias.

A Educação do Campo deve estar presente nas pautas e formulações de políticas públicas e educacionais. O ensino remoto ao ser tratado nas Escolas do Campo apresenta suas dificuldades e possui lacunas a serem melhoradas, contudo, ainda é uma das maneiras de ofertar a educação aos povos do campo, pois no modo EaD as aulas são padronizadas, e no ensino remoto o professor pode preparar suas aulas e avaliar pensando nas especificidades da turma. Mesmo no modelo remoto o professor deve projetar suas aulas pensando nos alunos da Educação do Campo e não no rural, isso se justifica de acordo com Souza (2008, p. 1090).

Em contraponto à visão de camponês e de rural como sinônimo de arcaico e atrasado, a concepção de educação do campo valoriza os conhecimentos da prática social dos camponeses e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim, como lugar da construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável.

Ao abordar a Educação do espaço de construção de conhecimento e espaço de vivências

é preciso que o ensino remoto também seja pensado durante a pandemia nas especificidades em que se apresenta. A realidade que emerge os povos do campo precisa ser respeitada, indiferente se for pandemia ou não. Ainda concordamos que de acordo com Souza (2008, p.1098).

(...) a concepção de educação rural expressa à ideologia governamental do início do século XX e a preocupação com o ensino técnico no meio rural, considerado como lugar de atraso. Já a educação do campo expressa à ideologia e força dos movimentos sociais do campo, na busca por uma educação pública que valorize a identidade e a cultura dos povos do campo, numa perspectiva de formação humana e de desenvolvimento local sustentável.

Portanto, o ensino remoto precisa ser de acordo com a realidade emergente das Escolas do Campo, valorizando os indivíduos, sua cultura e seus modos de vida. O ensino remoto também precisa estar alocado em uma perspectiva de formação humana que considere as peculiaridades da vida dos camponeses.

O contexto da pandemia causou ainda o aumento das desigualdades sociais, principalmente aos alunos de Escolas do Campo. Muitos pais não têm internet para acesso de pesquisa na realização das atividades remotas e outros são analfabetos e não conseguem auxiliar a criança na realização nas atividades pedagógicas.

Uma das soluções para suprir às demandas e defasagens do ensino remoto seria a universalização do acesso à internet aos povos do campo, enquanto direito social e dever do Estado. É necessária a elaboração de políticas públicas capazes de suprir o analfabetismo e levar até o campo às tecnologias, principalmente o acesso à internet, assim como cursos de formação aos profissionais da educação para saberem atuar com meio tecnológicos frente aos diferentes desafios que se impõe a educação.

A exclusão digital de alunos e professores das Escolas do Campo

Ao tratar da educação em períodos de pandemia, ou não, é indispensável tratar também da educação na era digital. Às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) muito contribuem para que a educação aconteça, contudo, é totalmente proveitosa quando se tem um alcance de todos os alunos. Quando pensamos em Educação do Campo logo nos leva a refletir de que a educação na era digital, que deveria agregar a todos os alunos promoveram uma exclusão de muitos sujeitos, tanto de professores como alunos.

Foi neste contexto que os professores encontraram muitas dificuldades. Primeiramente



que poucos professores tiveram formação para lidar com as tecnologias e programas educacionais como o *google classroom*, *google meet*, *zoom*, etc. Faltaram equipamentos nas escolas para os professores lecionarem. Não houve equipamentos suficientes ou disponíveis para todos os docentes planejarem e aplicarem suas aulas. Muitos professores, por conta própria, adquiriram equipamentos para conseguirem trabalhar e houve também a sobrecarga dos professores no trabalho em *home office*.

Os alunos do campo também tiveram muitas dificuldades impostas, principalmente aqueles que não possuem acesso à internet de boa qualidade. O que deveria ser caracterizar em inclusão digital se tornou exclusão, pois além da falta, ou acesso precário, à internet muitos não têm equipamentos para estudar, como por exemplo, celulares, *notebooks*, *tablets*, etc. O recurso pedagógico mais frequente foram às atividades impressas, que mesmo assim geraram muitos transtornos. Isso porque as pesquisas de acesso a produção de conhecimento estavam estritamente reduzidas a pequenos textos e livros didáticos.

Aos alunos da Educação do Campo que possuem acesso à internet, seja em celulares ou em computadores, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), sugeriu que acompanhasse as aulas gravadas, pelo *Classroom* e através de *meets*, mas nem sempre os alunos oriundos do campo que possuem internet, a tem de boa qualidade. Nessa conjuntura em curto prazo de tempo, a lousa e o giz foram sendo substituídos pelas tecnologias pedagógicas e educacionais, ou a menos, houve esta tentativa, os profissionais da Educação do Campo tiveram que se adaptar em pouco tempo e em meio as precariedades as mudanças. Muitos buscaram cursos para se aperfeiçoar e aprender a lidar com os desafios usando recursos próprios no que tange a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, pois grande parte das secretarias de educação não ofereceram cursos para suprir a necessidade e demanda.

A nova realidade imposta pela pandemia do coronavírus trouxe profundas mudanças para a educação no Estado do Paraná diminuindo a interação entre alunos e professores. O contato dos professores com alunos das Escolas do Campo é muito reduzido e muitos estudantes não possuem nenhum contato com o professor, nem com aulas virtuais, nem com contatos através de grupos nas redes sociais e aplicativos. Outro dilema ainda mais preocupante é até onde os alunos estão aprendendo, ou como avaliar de maneira plena e satisfatória. Não basta simplesmente encaminhar atividades aos alunos, mas é necessário saber o que o aluno está aprendendo. Na pandemia isso ficou cada vez mais complexo, devido ao distanciamento entre docente e discente.

A exclusão digital para os alunos do campo foi muito grande. Aqueles que possuem os meios de acesso à internet e que possuem equipamento tiveram a oportunidade acompanhar as aulas e fazer pesquisa, mas aqueles que não possuem acesso a estes recursos saíram prejudicados, com poucos mecanismos para aprender. A educação não pode ficar reduzida a apostilas e atividades impressas. Aos professores foi necessário usar seus equipamentos particulares para aplicar suas aulas, visto que além de muitas escolas não ofertarem o suporte necessário não chegaram a oferecer nenhum suporte aos educadores. O trabalho em *home office* não foi tão simples. Enquanto os professores estavam em suas residências ministrando aulas, caía osinal da internet ou a qualidade não suportava, fazendo com os alunos entrassem nas salas e acabassem nem tendo aulas.

A pandemia trouxe o desgaste emocional aos professores e alunos. Aos profissionais da educação o desgaste foi ainda maior em ter que conciliar a vida profissional e familiar no mesmo ambiente. No que tange ao trabalho dos professores está sendo um trabalho difícil, pois além de corrigir as atividades que estavam acontecendo *online* havia também as apostilas ou atividades impressas que necessitam ser corrigidas, ou seja, uma mesma aula planejada e aplicada deveria ser corrigida em diferentes formatos, seja no formato *online* ou físico.

Os professores das Escolas do Campo, em meio às dificuldades apresentadas vêm procurando fazer o melhor pelo aluno. Sabe-se que devido à ausência das tecnologias, principalmente aos alunos que não tem acesso a internet haverá futuramente uma defasagem de conhecimento escolar. Quando tudo retornar de maneira presencial os professores terão que continuar se desdobrando para ensinar, para que os alunos cheguem a atingir o conhecimento escolar necessário. A exclusão digital deixou de promover a interação entre alunos e professores e mesmo *online* são poucos educandosque participam das aulas.

Para suprir a exclusão digital dos alunos de Escolas do Campo é necessário oferecer ao aluno todo o aporte tecnológico e educacional. Isso também se aplica aos professores, pois, nem todos tem internet em suas residências para realizar o trabalho de forma *home office*. O governo do Estado do Paraná tem realizado tentativas de retorno às aulas de forma híbrida, contudo sem sucesso, pois os alunos das Escolas do Camponecessitam de transporte escolar, e outro agravante é o fato dos alunos e de grupos de profissionais que atuam nas escolas não estarem vacinados. Seria um risco a todos.

O formato híbrido, que propõe uma parte dos alunos nas escolas e outra parte dos alunos em casa geraria muitos conflitos aos estudantes das Escolas do Campo. Como já mencionado

uma grande parte dos estudantes não possuem acesso à internet, e se a internet não for de boa qualidade, como oferecer uma educação igualitária a todos? Hoje a luta é por um projeto de Educação do Campo que rompa com o isolamento, a competição, a submissão, reprodução e manutenção do sistema educacional tradicional cai por terra quando se trabalha com exercícios mecânicos, conteudistas e repetitivos oferecidos nas apostilas.

Esta disparidade de recursos tecnológicos entre campo e cidade, como citamos acima, devem ser corrigidas por meio de políticas públicas que promovam a inclusão digital das Escolas do Campo: internet banda larga de boa qualidade, laboratórios de informática com máquinas que funcione, apropriação dos professores a ferramentas pedagógicas virtuais e acesso dos alunos às tecnologias digitais que fazem parte do século em que vivemos. A internet é um meio que possibilita ao aluno o acesso a novas ideias, conhecer novas culturas, acesso a artigos científicos e diversos outros tipos de informação que contribuem para a construção de uma concepção de mundo que dá base a novas reflexões sociais, políticas e filosóficas.

A inserção de internet de boa qualidade, o investimento em máquinas modernas e a formação continuada de professores para que possam usufruir desta tecnologia, abrem espaço para que sejam usados alguns recursos tecnológicos durante a aula como materiais didáticos disponíveis *online* o que eleva a qualidade da mesma, ainda mais no contexto de pandemia. É necessário sanar este atraso tecnológico das escolas em áreas rurais, esta questão ajuda a reforçar a ideia de que as Escolas do Campo são atrasadas em relação às escolas urbanas, este atraso tecnológico deve ser combatido.

Na atual conjuntura, a internet exerce grande influência nas questões da informação sobre o mundo globalizado, essa informação é fonte de poder, pois pode contribuir com a expansão da consciência, de elaboração de políticas públicas de inclusão e de bem-estar que vão do acesso aos serviços de saúde e educação à contribuição no desenvolvimento local.

A tecnologia faz parte da sociedade e todo cidadão tem o direito de usufruí-las e explorar todas as suas potencialidades, por isso a necessidade que as Escolas do Campo sejam contempladas com políticas públicas que acelerem a implementação das tecnologias e da internet, pois estão dentre as mais desatualizadas. Existe uma dicotomia enorme no acesso às tecnologias digitais entre populações do campo e da cidade e isso deve ser combatido.



Considerações finais

Ao longo deste artigo elencamos a concepção de Educação do Campo e ensino remoto. Também discorremos sobre a exclusão digital de alunos e professor de Escolas do Campo e seus impactos para os estudantes. Foi possível compreender que existem diferenças desproporcionais quanto os recursos tecnológicos entre campo e cidade, sendo os sujeitos das Escolas do Campo em desvantagem quanto ao uso das tecnologias na escola ou em casa, para seus estudos ou trabalho.

O acesso à internet, máquinas e formação continuada para docentes para o uso das TIC's são negligenciadas nas Escolas do Campo. Não foi negado atendimento escolar aos alunos, todavia as aulas remotas ou *online* não dão conta da demanda de aprendizagem que fica restrita ao conteudismo e repetição deixando os educandos com sérias defasagens. Quanto aos professores mais uma vez se desdobram para dar o máximo de qualidade com o mínimo oferecido acarretando uma sobrecarga de trabalho e sem retorno financeiro ao usar sua internet e maquinas para a formulação das aulas.

Neste contexto de pandemia é necessário pensar em propostas pedagógicas que levem em conta todo o universo de oportunidades que podem e devem ser construídos entre escola, educando e professores com o uso das tecnologias. Com a pandemia da Covid-19 o fator formação para trabalhar com as TIC's foi preponderante, na atual conjuntura são necessários investimentos em equipamentos modernos, internet banda larga e formação de qualidade para que o professor possa utilizar as tecnologias deste século, mais importante que levar o computador até a sala de aula é necessário dar formação para que os professores consigam atrelar seu uso com didática e objetivos pedagógicos, assim como acontecia nas aulas presenciais e proporcionar um ensino de qualidade enquanto não retornamos a normalidade.

Para suprir a demanda tecnológica existente no contexto da Educação do campo se fazem necessárias algumas medidas como, por exemplo, a universalização do acesso à internet aos povos do campo, internet de boa qualidade e salas com equipamentos modernos, cursos de formação e capacitação tecnológica aos profissionais da educação, melhorias e instalação de salas de informática, etc. Assim teremos uma educação um pouco menos excludente e alunos mais engajados com sua identidade e cultura.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. Apresentação. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2009.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete. *et al.* (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 259-267.

II Boletim da Articulação Paranaense Por uma Educação do Campo. **Escola Pública do Campo do Paraná: O que e como fazer!** Maio de 2018. Disponível em: <[https://sites.unicentro.br/wp/educacaodocampo/files/2019/05/BOLETIM-Articula% c3% a7% c3% a3o-Paranaense-por-Uma-Educa% c3% a7% c3% a3o-do-Campo-edicao2.pdf](https://sites.unicentro.br/wp/educacaodocampo/files/2019/05/BOLETIM-Articula%c3%a7%c3%a3o-Paranaense-por-Uma-Educa%c3%a7%c3%a3o-do-Campo-edicao2.pdf)>. Acesso em: 12 Jun. de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura**. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo: Políticas, Práticas Pedagógicas e Produção Científica Educação E Sociedade**, vol. 29, n. 105, Setembro-Dezembro, 2008, p. 1089-1111 Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas/SP.